



ESPALHA EDH



infomativo mensal sobre educação em direitos humanos

junho 2020 | 4

Departamento de
Educação em Direitos
Humanos
Secretaria Municipal de
Direitos Humanos e
Cidadania

TEMA DO MÊS: Orgulho LGBTI+

É PRECISO FALAR SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA ESCOLA

Os processos de Educação em Direitos Humanos visam a construção de uma sociedade menos desigual e injusta, que respeite e não discrimine ninguém. É por isso que, para esta edição, convidamos o professor Eduardo Cesar para falar um pouco sobre seu projeto, que levou a discussão sobre diversidade sexual e de gênero para a EMEF Rodrigues Alves e foi um dos vencedores do Prêmio EDH 2019.

[LINK PARA ENTREVISTA NA PÁGINA 02](#)



EDITORIAL

No mês do Orgulho LGBTI+ preparamos uma edição com muito conteúdo para reflexão.

[Veja na página 01](#)

PERFIL

Apresentamos organizações que atuam com a pauta LGBTI+ para você conhecer.

[Veja na página 03](#)

CULTURA

O que é ser artista LGBTI+ no Brasil?

[Veja na página 06](#)

LUGARES DE MEMÓRIA

Para o Mês do Orgulho, selecionamos como lugar de memória, a Avenida Paulista, um dos logradouros mais importantes do município de São Paulo.

Convidamos também a Cláudia Regina Garcia, presidenta da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo a nos falar um pouco da importância deste local para a manifestação



CARA LEITORA E CARO LEITOR

Nesta quarta edição do Espalha EDH – Informativo sobre Educação em Direitos Humanos, falaremos sobre escola, cultura, locais de memória e o perfil de organizações não-governamentais que atuam em prol dos Direitos LGBTI+.

Elegemos, para a edição de junho, o tema “Orgulho LGBTI+” em referência ao Dia 28 de junho, quando é comemorado o Dia Internacional do Orgulho LGBTI+, em referência a data de 28 de junho de 1969, quando em Nova Iorque, Estados Unidos, a polícia invadiu o bar gay Stonewall Inn, em mais uma ação de represália a comunidade local.

Mas nesse dia, em luto pela morte de Judy Garland, ícone da comunidade LGBT estadunidense, e cansados das ações repressoras da polícia, os frequentadores do bar resolveram enfrentá-los, se recusando a entrar nos camburões e serem encaminhados às delegacias.

A revolta durou dias e foi, a cada hora, atraindo mais e mais LGBTI para a frente do Stonewall, em apoio ao grupo que lá estava.

Para lembrar essa data, em 1970, ocorreu a primeira Parada do Orgulho LGBT do mundo, em São Francisco, e a data firmou-se no calendário comemorativo.

Esse seria o mês também da 24ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em plena Avenida Paulista, mas devido ao COVID-19, as faixas da Paulista não puderam ser ocupadas e, em uma ação de marketing, a Associação da Parada coloriu o céu da Avenida Paulista com as cores do Arco Íris, lembrando o orgulho em ser LGBTI+.

O Departamento de Educação em Direitos Humanos, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, compreende que, no período da quarentena e do isolamento social muitos LGBTIs sofreram de solidão e de discriminação no ambiente familiar e queremos lembrar que #SeguimosPerto, e, por isso, buscamos levar a vocês informações sobre os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais, homens trans, intersexuais.

Aproveitem a leitura. Enviem sugestões, críticas, elogios! Participem!!

Para nós é muito importante usar desse período para refletir sobre como ações com o foco em Direitos Humanos podem contribuir para vencermos esse momento de quarentena e dificuldades!

EDH NA REDE



<https://youtu.be/IGtgX2T2sQg>

GLOSSÁRIO

Agênero – pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero.

Binarismo de gênero – ideia de que só existe macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher, sendo considerada limitante para pessoas não binárias, ou gênero fluido ou outras expressões de gêneros possíveis.

Bissexual – pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas de ambos os sexos/gêneros.

Cisgênero – pessoa cuja identidade de gênero está alinhada ao seu sexo biológico. Aquelas que são biologicamente mulheres e possuem identidade de gênero feminina ou biologicamente homens e possuem identidade de gênero masculina.

Crossdresser – pessoa que se veste com roupas do sexo oposto para vivenciar momentaneamente papéis de gênero diferentes daqueles atribuídos ao seu sexo biológico, mas, em geral, não realiza modificações corporais e não chega a estruturar uma identidade transexual ou travesti.

Diversidade Sexual – chamamos de Diversidade Sexual as infinitas formas de vivência e expressão da sexualidade e da identidade de gênero.

Drag Queen ou Transformista – homem que se veste com roupas femininas extravagantes para a apresentação em shows e eventos, de forma artística, caricata, performática e/ou profissional.

Drag King – mulher que se veste com roupas masculinas com objetivos artísticos, performáticos e/ou profissionais.

Gênero – formulado nos anos 1970, o conceito de gênero foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social. Homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência direta da anatomia de seus corpos. Gênero é uma construção social.

Hermafrodita – a palavra intersexual é preferível ao termo hermafrodita, já bastante estigmatizado, precisamente porque hermafrodita se referia apenas a questão dos genitais visíveis.

Heterossexual – pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do sexo/gênero oposto.

Homem trans – nasceu com sexo biológico feminino, mas possui uma identidade de gênero masculina e se reconhece como homem.

GLOSSÁRIO

Homossexual (Gays e Lésbicas) - pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero.

Homossexualismo - não se utiliza a expressão "homossexualismo", pois, neste caso, o sufixo "ismo" denota doença e a homossexualidade não é considerada como patologia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1990, quando modificou a Classificação Internacional de Doenças (CID), declarando que "a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão".

Identidade de Gênero - é a percepção íntima que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente do sexo biológico de nascimento. A identidade traduz o entendimento que a pessoa tem sobre ela mesma, como ela se descreve e deseja ser reconhecida.

Intersexuais - pessoas que nascem com uma combinação diferente destes fatores, e que podem apresentar características de ambos os sexos.

LGBTfobia - termo cunhado durante a III Conferência Nacional de Políticas Públicas de LGBT, ocorrida entre 24 e 27 de abril de 2016, em Brasília, para englobar tanto a homofobia/lesbofobia, quanto a transfobia, num único termo. Refere-se ao preconceito e à discriminação em razão de orientação sexual e/ou identidade de gênero de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans.

Mulher transexual - nasceu com sexo biológico masculino, mas possui uma identidade de gênero feminina e se reconhece como mulher.

Nome Social - prenome adotado por travestis, mulheres transexuais ou homens trans, que corresponde à forma pela qual se reconhecem, identificam-se e são reconhecidas(os) e denominadas(os) por sua comunidade.

Opção Sexual - não se utiliza a expressão "opção sexual" por não se tratar de uma escolha.

Orientação Sexual - atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa manifesta em relação à outra, para quem se direciona, involuntariamente, o seu desejo.

Sexo Biológico - conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem "machos" e "fêmeas".

Sexualidade - sexualidade humana é formada por uma múltipla combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais e é basicamente composta por quatro elementos: sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero.

GLOSSÁRIO

Transgênero – terminologia normalmente utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros.

Transexualidade – a Organização Mundial de Saúde – OMS, retirou a transexualidade da categoria de “distúrbios mentais” na Classificação Internacional de Doenças (CID), passando a ser denominada como incongruência de gênero e movida para a categoria “condição relativa à saúde sexual”.

Travesti – pessoa que nasce com sexo masculino e tem identidade de gênero feminina. Não possui desconforto com o sexo biológico de nascimento, nem com a ambiguidade de traços corporais femininos e masculinos, assumindo papel de gênero diferente daquele imposto pela sociedade. Travestis possuem identidade de gênero feminina e, por isso, utiliza-se o artigo definido “A” para se referir a elas.

Para saber mais, acesse:

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>

<http://justica.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/Cartilha-3a-Edi%C3%A7%C3%A3o-Final.pdf>



CULTURA EDH

CULTURA É UM CONJUNTO DE HÁBITOS, CRENÇAS, COSTUMES E ARTE, PERTENCENTE A UM DETERMINADO GRUPO SOCIAL

A ARTE POR SUA VEZ É A ATIVIDADE HUMANA FEITA A PARTIR DE PERCEPÇÃO, EMOÇÕES E IDEIAS, COM O OBJETIVO DE ESTIMULAR A CRIATIVIDADE, DEBATES E É UMA FORMA DE SE COMUNICAR, É PLURALIDADE. COM ISSO, NESSE MÊS DE JUNHO FALAREMOS SOBRE O DIA INTERNACIONAL DO ORGULHO LGBT, UM MOVIMENTO QUE ALÉM DE LUTA, TRAZ MUITA INSPIRAÇÃO E ARTE.

A LUTA CONTRA A LGBTFOBIA E PELOS DIREITOS DOS LGBTs NÃO É DE HOJE, EM JUNHO DE 1969 ACONTECERAM AS REVOLTAS DE STONEMALL NOS ESTADOS UNIDOS DEVIDO A UMA PERSEGUIÇÃO CONSTANTE AOS HOMOSSEXUAIS.

APÓS MUITA RESISTÊNCIA, EM 1970 ACONTECEU A PRIMEIRA PARADA LGBT NOS ESTADOS UNIDOS SEGUIDO DE MANIFESTAÇÕES PELO MUNDO TODO, POR ESSE MOTIVO O DIA 28 DE JUNHO TORNOU-SE O DIA INTERNACIONAL DO ORGULHO LGBT QUE APESAR DE SER UMA GRANDE CONQUISTA, O COMBATE CONTRA A HOMOFOBIA E A LUTA POR DIREITOS AINDA CONTINUA DIARIAMENTE.

PARA REFLETIR MAIS SOBRE O ASSUNTO, CULTURA EDH QUER SABER:

COMO VOCÊ SE SENTE SENDO ARTISTA LGBTI+ NO BRASIL?

VIC SALES

Poeta e fotógrafa

Atualmente me disto temerosa e frustrada, pois ataques homofóbicos e racistas estão rolando cada dia mais. Ser lembrada especialmente em junho e esquecido o resto do ano, com se não soubéssemos falar de outros assuntos ou como se nossa arte tenha que obrigatoriamente conter uma única narrativa ou camada. Quando se é mulher lésbica negra tudo é mais difícil, quem consome poesia preta sapatão? Quantas fotógrafas lésbicas vocês conhecem e divulgam o trabalho? Quantas cineastas LBT vocês tem com referência? Não tem como falar de sexualidade ignorando raça e classe



Ser artista no Brasil, independente de ser um artista LGBT, em um país que ainda caminha na questão da educação, cultura que muitas vezes politicamente agride o livre pensar, o livre manifestar, a pluralidade, diversidade, o autoconhecimento não é fácil, você realmente tem que acreditar na força do seu recado e senti-lo como algo pertinente, algo urgente. Tem que ser a razão de você estar aqui, Senão você desiste. Quando Você pertence e quando você está ligado à essa questão lgbt, você possui uma responsabilidade ainda maior, pois você vai formando um público que se identifica com aquilo que você é, sente, faz. A batalha é muito grande, Tenho 24 anos de carreira e venho me apresentando em espaços pequenos, grandes, para grupos elitizados ou grupos mais humildes, instituições culturais, espaços abertos e fechados e quando eu estou no palco, eu não penso se sou gay ou não, acredito que o ponto partida, que você deve ter no seu coração é de que somos todos iguais, temos os mesmos direitos e os mesmo deveres. Estamos vivendo um momento em especial no planeta e é lamentável que algumas pessoas tenham esse tipo postura, porque somos todos um só, somos todos iguais e merecemos respeito e amor.

CARLOS NAVAS

Cantor e Intérprete



A minha experiência como artista LGBT+ é bem específica, no Brasil, São Paulo, Negra, 39 anos, trabalhando desde o início da carreira nas periferias da cidade. Venho de uma outra geração, a sigla era GLS, ser assumida e falar de minha realidade não só chocava como ofendia muito profundamente uma comunidade que mesmo diversa, ainda é muito racista. Mesmo sendo premiada, reconhecida e quotada diversas vezes para o tema, não significa que a consideração é a mesma, o valor dos cachês, o respeito no camarim e palco, lugar de fala, etc. Por mais que hoje tenhamos uma sigla que abranja mais a realidade, a letra L é nitidamente a que menos se destaca entre as quotadas para representatividade, nossos trabalhos ainda são desvalorizados, nossas realidades distorcidas o que me leva a crer que ser lésbica ainda é um grande Tabu. Busco trazer debates, questionamentos e idéias práticas através de minhas performances, workshops, palestras, rodas de conversa, música e redes sociais. Hoje o meu foco de debate é quão tóxicos são os rótulos de personalidade, onde buscamos referências externas sem valorizar a singularidade individual das experiências de cada ser, a necessidade de agir a partir da interseccionalidade para enxergarmos as pessoas como elas realmente são, conseqüentemente nos vemos a partir da realidade de nossos privilégios que nos limitam. Sonho que meu trabalho possa crescer, se expandir, se multiplicar e ajudar o mundo a se ver com mais amor, compreensão e realidade.



LUANA HANSEN

Dj Mc e produtora musical

ROLÊ VIRTUAL: QUAL A PROGRAMAÇÃO DOS MUSEUS E CENTROS CULTURAIS NESSA QUARENTENA?

"No começo foi bastante complicado, até porque nosso equipamento está localizado dentro da estação República do Metrô, onde além de receber visitantes, muitas vezes, pessoas em vulnerabilidade social frequentam o espaço, isso nos causou muita preocupação de como estariam lidando com a situação de isolamento. Foi então que nos juntamos a outras associações, principalmente LGBT, para arrecadar cestas básicas, máscaras, roupas, etc. para tentar minimizar a grave situação que essa população que nos é muito próxima está vivendo. Por outro lado percebemos que o Museu, neste cenário de pandemia, poderia ser uma ferramenta virtual importante para conectar e visibilizar artistas LGBT, Assim abrimos uma chamada pública para projetos que tivessem sido produzidos por artistas LGBT ou com a temática durante o isolamento social. Para nossa surpresa recebemos mais de 300 inscrições em uma semana e assim nasceu a primeira exposição virtual do MDS, chamada QUEERENTENA."

Franco Reinaudo, diretor do Museu da Diversidade Sexual

Exposições: Queerentena e O Orgulho Ocupa a Rua na plataforma Google Arts & Culture
<https://artsandculture.google.com/partner/museu-da-diversidade-sexual>

"O Centro Cultural da Diversidade foi o primeiro equipamento da Secretaria Municipal de Cultura a migrar sua programação para o ambiente virtual. Já no dia 20 de março, uma semana após a suspensão da programação no teatro, biblioteca, sala de exposições e praça de convivência do espaço, iniciamos lives diárias. Sim, sete dias por semana mesmo, sempre às 19h com artistas que se apresentaram ou se apresentariam no CCD. Passamos também a publicar conteúdos diariamente nas redes sociais informações, concursos e artigos exclusivos sobre a produção cultural LGBTQIA+. Inicialmente com foco em São Paulo, Mas à medida que nossa audiência foi crescendo para outras cidades, estados e até no exterior, passamos a convidar artistas e falar da cena de outros lugares também. Desde o final de maio começamos a contratar shows e performances para ampliar a programação, auxiliar a classe artística e estimular a pesquisa de novas linguagens que estão adaptando a experiência do palco para o celular. No final de semana do 28 de junho, Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+ tivemos uma programação especial, com uma maratona de festas e shows. No sábado, a festa Minhoqueens/CCD, reproduzindo, no espaço virtual, o clima dos ensaios do bloco Minhoqueens que aconteceram no final do ano passado e no pré-carnaval de 2020. No domingo foram várias performances de drag queens conhecidas da cena"

André Fischer - Diretor do Centro Cultural da Diversidade.

Fique de olho da programação do Centro Cultural da Diversidade:

Instagram: @ccdiversidade | Facebook: @ccdiversidade

Lugares de Memória

Para o Mês do Orgulho, selecionamos como lugar de memória, a Avenida Paulista, um dos logradouros mais importantes do município de São Paulo.



18ª PARADA LGBT DE SÃO PAULO - FOTO: JOCA DUARTE

SOBRE A AVENIDA

Localizada em uma das regiões mais elevadas da cidade, chamada de Espigão da Paulista é considerada um dos principais centros financeiros da cidade, assim como também um dos seus pontos turísticos mais característicos, com casarões remanescentes da época dos “Barões do Café”. Abriga importantes espaços culturais, como o Museu de Arte de São Paulo – MASP e o Sesc Avenida Paulista. Pelas suas calçadas, todos os dias, movimentam-se milhares de pessoas oriundas de todas as regiões da cidade e de fora dela, é um dos lugares de São Paulo com a maior diversidade cultural.

A avenida foi criada no final do século XIX, sendo inaugurada no dia 8 de dezembro de 1891, por iniciativa do engenheiro Joaquim Eugênio de Lima e do Dr. Clementino de Souza e Castro (na época Presidente do conselho de intendências da cidade de São Paulo, atual cargo de prefeito), para abrigar paulistas que desejavam adquirir seu espaço na cidade. Joaquim Eugênio de Lima foi quem a batizou: “ Será Avenida Paulista, em homenagem aos paulistas”.

Com cerca de três quilômetros de comprimento e doze metros de largura, foi inicialmente dividida em: uma parte para bondes, a do centro para carruagens e a outra para cavaleiros, todas ladeadas por daiélsios e rodriguezues. O piso carroçável era coberto por pedregulhos brancos. Sua inauguração coincidiu com a da linha de bondes em 1891. Em 1898 procedeu-se a uma reforma, com novo calçamento, derrubada de quatro fileiras de árvores e alargamento dos passeios, que foram arborizados com ligustruns e ipês.

A avenida Paulista foi a primeira via pública asfaltada de São Paulo, em 1909, com material importado da Alemanha, uma novidade até na Europa e nos Estados Unidos. A Avenida Paulista também foi eleita para receber a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Sua primeira edição foi em 1997, com pouco mais de 500 pessoas e um carro de som, andando timidamente por uma das faixas da avenida.

Em 2000 foi a Parada da Virada, quando ultrapassamos 125 mil participantes e foi pela primeira vez que a Prefeitura de São Paulo apoiou institucionalmente com infraestrutura para segurança dos presentes.

Em sua décima edição, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo foi incluída no “Livro dos Recordes” (“Guinness Book”), como a maior do gênero no mundo — com 2,5 milhões de participantes.

Neste ano, em razão da pandemia do COVID-19, a 24ª Edição da Parada LGBT foi adiada de junho para novembro, mas para lembrar o mês do orgulho LGBT a Avenida Paulista foi iluminada, no domingo, 14, com as cores do arco íris.

Convidamos Cláudia Regina Garcia, presidenta da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo a nos falar um pouco da importância da Avenida Paulista para a manifestação



Espalha: Qual a importância da Avenida Paulista para a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo?

Cláudia Garcia: A avenida Paulista além de ser um centro comercial e importante da cidade ela também se tornou ao longo dos últimos anos, o centro de manifestações políticas por Democracia e Direitos, além de ser um espaço seguro para o enorme público da Parada.

Espalha: Como foi, num momento de pandemia, abrir mão da manifestação presencial e realizar uma manifestação virtual em prol do orgulho LGBT?

Cláudia Garcia: É um momento atípico, portanto difícil de avaliar senão entender que o mundo teve que parar.

Espalha: Qual a importância em ser mulher, negra, lésbica e de esquerda para a Presidência da Parada?

Cláudia Garcia: Sempre é importante que todas as letras sejam representadas mas neste governo federal, racista, misógino, homofóbico e contra as classes trabalhadoras é uma questão de resistência e provocação.

Mas nem só de orgulho vive a Paulista. Na manhã de 14 de novembro de 2010, o estudante de jornalismo Luís Alberto Betonio, na época com 23 anos, voltava da balada com mais dois amigos e foi agredido por um outro grupo de cinco rapazes, dos quais quatro menores e Jonathan Lauton Domingues tinha 19 anos. As imagens obtidas das câmeras de segurança mostraram o momento em que Luís foi atingido por uma lâmpada fluorescente e começou a ser agredido. Um segurança interrompeu o espancamento e os suspeitos fugiram. "Se não fosse o segurança na hora, para defender, eu tinha morrido, porque eles não iam parar", disse Luís em entrevista ao Fantástico, na época. À época do crime, o menor responsável por atingir Luís com a lâmpada ficou 45 dias na Fundação Casa e, em 2015, a Justiça condenou o maior de idade a uma pena de 9 anos de prisão por tentativa de homicídio triplamente qualificado por participação na agressão. Em 2018 a Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania, em processo administrativo aberto face denúncia da Defensoria Pública de São Paulo, com base em uma lei estadual 10.948/01, que prevê punições para pessoas físicas e jurídicas por atos de preconceito por orientação sexual, condenou os cinco acusados das agressões a pagarem uma multa de R\$ 25,7mil reais cada. A Defensoria levou em consideração, na sua denúncia, o depoimento da vítima e de testemunhas, que afirmaram que os agressores gritaram frases como "suas bichas" e "vocês são namorados", expressando, explicitamente, a homofobia.

PERFIL DH

Dia 28 de junho comemora -se o Dia Internacional do Orgulho LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Trans e Intersexuais).

A data tem como principal objetivo conscientizar a população sobre a importância do combate à LGBTfobia para a construção de uma sociedade livre de preconceitos independente da orientação sexual e identidade de gênero dos indivíduos.

Avanços significativos no combate à LGBTfobia vêm sendo conquistados.

Em 2010 foi permitida a adoção de crianças por casais homoafetivos e em 2011 as uniões estáveis entre casais homossexuais foram equiparadas às de casais heterossexuais pelo STF - Supremo Tribunal Federal.

O atual Presidente Jair Bolsonaro afirmou em 2013, ser Homofóbico "com muito orgulho". Em contra partida, a Suprema Corte brasileira se mostrou ainda mais empenhada a debater casos envolvendo questões LGBTI+.

O Supremo criminalizou a LGBTfobia, equiparando-a ao crime de racismo, tornando a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero em crime inafiançável e imprescritível.

Mas ainda temos muito a avançar em direção aos direitos pró-LGBTI+. Por isso convidamos algumas organizações não-governamentais para nos contar sobre seus projetos durante a pandemia.



Casarão Brasil - Associação LGBTI

Fundada em 23 de Junho de 2008. "Colocamos em prática o nosso Projeto "Cozinhando pela Vida" em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, realizando a distribuição diária de 300 marmitas a população acessada ao Casarão Brasil. Distribuimos Kits de higiene pessoal e máscaras de proteção para 400 pessoas".

Fala Rogério Presidente da ONG

Site: www.casaraobrasil.org.br

e-mail: contato@casaraobrasil.org.br

Facebook: @CasaraoBrasil

Instagram: @casaraobrasil



Associação Recreativa e Cultural Bloco Carnavalesco Banda do Fuxico

Fundada em 21 de Janeiro de 2001. "Devido a Pandemia foram parados todos os projetos ligados à cultura e entretenimento. Atualmente atendemos a população que vive em vulnerabilidade com doações de cestas básicas e produtos de higiene. Estamos produzindo mais de 800 máscaras de proteção, para doações em comunidades carentes." fala José Roberto Mafra - Presidente da ONG. <http://fuxicultura.bandafuxico.com.br>



Associação Eternamente Sou

Fundada no dia 25 de Novembro de 2017. É pioneira e única no Brasil voltada para a população LGBT50. "Devido a Pandemia tivemos que adaptar todas as nossas atividades presenciais (oficinas, rodas de conversas e atendimento psicológico - jurídico) para uma versão online onde ocorre todos os dias em três horários diferentes". Centro de Convivência: Av. Vieira de Carvalho, 192 - Sobreloja - República. e-mail: mkt.esou@gmail.com



**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS - SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS
HUMANOS E CIDADANIA**

cedh@prefeitura.sp.gov.br